

A NOÇÃO DO TEMPO NA CONSTRUÇÃO DE PARADIGMAS: UMA LEITURA A PARTIR DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Julice Salvagni¹

Marília Veríssimo Veronese²

Resumo: Este estudo propõe uma discussão sobre a noção de tempo nos paradigmas dominante e emergente, assim definidos por Boaventura Sousa Santos. O entendimento da lógica do tempo e sua vivência – temporalidade - é fundamental na compreensão do mundo em distintos momentos históricos. São apresentadas as idéias do autor sobre a noção e a experiência do tempo, em transformação na transição paradigmática, bem como revisão bibliográfica sobre o tempo e a temporalidade nas ciências sociais. Enfocamos a crítica do paradigma dominante e a noção do tempo numa nova construção epistemológica, relacionada ao paradigma emergente. O reconhecimento das distintas temporalidades - o tempo do outro - articula um dos principais desafios para construção de nova epistemologia e intersubjetividade. O povo colonizado é o que vive sob a eventual sensação de estar imerso em uma cultura híbrida, que não lhe pertence ou acolhe totalmente. Assim, passam por um processo no qual a temporalidade é modificada e os modos de vida são questionados e desterritorializados. Uma nova relação com o tempo percorre, junto com o trabalho de tradução entre saberes e práticas, as instâncias da intelectualidade, política e emoção, a fim de propor novas formas de encontro e diálogo entre as mais diversas culturas e suas distintas temporalidades.

Palavras-chave: Tempo. Paradigma emergente. Epistemologia. Boaventura de Sousa Santos.

¹ Mestranda em Ciências Sociais na Universidade de Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Especialista em Gestão Empreendedora (FTEC); Psicóloga Clínica e do Trabalho. E-mail: julices@terra.com.br

² Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004), tendo realizado estágio sanduíche no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e na Faculdade de Psicologia da Universidad de la Habana (Cuba).; Professora adjunto II no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: mariliav@unisinobr.

TEMPO DE APRESENTAÇÃO

*Porque o tempo é uma invenção da morte:
não o conhece a vida - a verdadeira -
em que basta um momento de poesia
para nos dar a eternidade inteira.*

Mário Quintana

Boaventura de Sousa Santos é Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Distinguished Legal Scholar da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick. Além disso, é Diretor do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia e do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra³.

Para a Europa, Portugal é considerado o Sul, ou a periferia. Desta forma, o autor vivencia aquilo que é a questão central na sua obra: a divisão entre a racionalidade dominante do Norte e as culturas do Sul que são desconsideradas em seus saberes.

Por este motivo, B. Santos tem uma vasta implicação pública, defendendo os movimentos sociais e cívicos a fim de garantir a essência da democracia participativa. O autor, ainda, é um dos mais ativos participantes do Fórum Social Mundial (FSM), provocando nos eventos a necessidade de se pensar em possibilidades ao desequilíbrio social que vivenciamos cotidianamente.

Para ele, o mundo é dividido em Norte e Sul, mas não se trata de uma distinção meramente geográfica como a gente já conhece. Também é, sendo que os povos mais ricos e, portanto, dominantes, vivem em sua maioria nos países considerados Norte pelo mapa que eles mesmos criaram. Mas essa divisão, para B. Santos é meramente didática e metafórica, uma vez que o Norte e Sul podem ser identificados nas relações cotidianas, para além das relações entre nações, especificamente.

Na atualidade, quando queremos dizer que estamos procurando o caminho certo também podemos dizer que estamos procurando um Norte. B. Sousa vai provar durante toda sua obra o quanto isso realmente é significativo.

O Norte, mesmo que seja localizado geograficamente no Sul, é uma maneira de falar do tipo de conhecimento, ou da forma de perceber o mundo, mais reconhecido e aceito. Essa lógica só existe pelo histórico de exploração dos povos do sul, onde lhes foi

³ Informações retiradas do site www.ces.uc.pt.

tirado, além das riquezas naturais, o reconhecimento da suas identidades e sociabilidades.

Percorrendo a história,

[...] toda a **América colonial suportou a imposição de um modelo produtivo europeu**, a partir da derrota militar das populações nativas, ao longo do período colonial, precisando, pois, submeter-se à imposição da escravidão e do modelo civilizatório europeu. A escrava população local foi acrescida, desde os princípios da lógica mercantil, de aproximadamente nove milhões de africanos, **submetidos à perda de suas raízes e de sua liberdade** (VIOLA, 2008, p. 69, grifo nosso)

Embora não estejamos mais passando por períodos de escravidão declarada ou de ditaduras, ainda existe a real subordinação dos povos do Sul. A cultura válida ainda é a dominante, que impõe um padrão à racionalidade e aos modos de vida das populações. Sobre a noção de temporalidade, ainda não se compreende o tempo do Outro, daquele que não esta de acordo com o tempo do modelo proposto.

Assim, as culturas do Sul, como a do negro, do índio, ou do brasileiro mesmo, são consideradas culturas inferiores, ou que não tem o grau de legitimidade que as demais - do Norte -, já têm. Estou falando de um julgamento de qualidades entre diferentes povos, onde quem não participa desta lógica provavelmente será considerado um povo atrasado e possivelmente irá se esforçar para pertencer ao estilo de vida mais valorizado.

B. Santos, no entanto, vai mostrar que cada cultura tem as suas especificidades, o seu tempo, a sua forma de organização e que não pode ser considerado menos por isso. Entender essa ideologia seria, portanto, valorizar a cultura do índio, por exemplo, incluindo sua religião, sua medicina, sua maneira de ver o mundo como algo diferente do paradigma científico, mas nem por isso menos aceito.

Parece ser uma tarefa fácil, mas pensem nos complicadores que poderíamos enfrentar em todos os tempos e espaços cotidianos, como escolas, empresas ou eventos sociais, onde não existiria mais uma maneira de “fazer certo”, mas onde toda a forma de fazer seria incorporada, discutida e, dentro do possível, incluída na prática.

De qualquer forma, está mais do que na hora do mundo passar a valorizar as diferentes formas do ser humano ser, em sua cultura, com seus costumes. Muito mais interessante uma vida assim, na diversidade, do que tentarmos construir um futuro onde algumas culturas são desmerecidas e as pessoas padronizadas.

A lógica do tempo entra nesta discussão de maneira central. Este reconhecimento do tempo do outro talvez seja um dos principais desafios para construção de uma nova epistemologia. Vamos carregando uma percepção do tempo em diferentes momentos, sem perceber que esta lógica pode ocupar um espaço bem diferenciado para outras culturas, acarretando num reconhecimento da lógica do Outro - também pela não percepção deste tempo.

Para contribuir com esta discussão epistemológica proposta por B. Santos, nos propomos a percorrer teoricamente a construção da idéia de tempo através de autores que atentam para a centralidade do tempo nos diferentes paradigmas e culturas.

O artigo também traz a crítica de B. Santos ao paradigma dominante e as questões acerca da criação de um paradigma emergente. Por fim, discutimos as questões relacionadas ao tempo paralelamente à ideologia de uma nova configuração epistemológica.

1. CONSTRUÇÃO DA IDÉIA DE TEMPO

Um ano passa rápido, o que demora pra passar é o minuto.

Maria Rita Kehl

A invenção do relógio mecânico, que ocorreu provavelmente em meados do século XII e XIII⁴, é um marco importante das mudanças mais expressivas de paradigma: o tempo, agora medido, passa a ser controlado e controlador numa nova lógica de “verdade”.

A vinda do relógio “acompanhou o desenvolvimento do comércio e uma necessidade cada vez maior de medir com exatidão o tempo” (SEVALHO, 1996, p. 3). Esta invenção vai ser o suficiente para uma nova organização dos sujeitos em sociedade, agora muito determinada pelo tempo, já que

[...] quando pergunto “que horas são?” ou “que dia é hoje?”, minha expectativa é que alguém, tendo um relógio ou um calendário, me dê a resposta exata. **Em que acredito quando faço a pergunta e aceito a resposta? Acredito que o tempo existe, que ele passa, que pode ser medido em horas e dias**, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente deste momento, que o

⁴ Dado disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Site> – acessado em 20/11/2010.

passado pode ser lembrado e esquecido, e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta contém, várias crenças não questionadas por nós. (CHAUI, 2000, p. 6, grifo nosso).

Esse conjunto de crenças são as construções paradigmáticas impressas na sociedade, que se alternam nas diferentes épocas. Entre estas, o tempo talvez seja a noção de verdade mais presente e menos discutida, embora pouco sentida enquanto a complexidade das suas afetações, justamente por estar tão enraizada e naturalidade.

Da mesma maneira, a mudança da noção simbólica do tempo tende a ser desconsiderada, muito embora se apresente como um ponto importante de análise das relações sociais. A noção de tempo é uma forma de análise e identificação paradigmática importante, já que este “assume diferentes sentidos para as pessoas nas diferentes culturas e nos diversos momentos da História, e a linguagem tem um papel definitivo na construção da dimensão temporal” (TONELLI, 2008, p. 4). Assim, entendendo a noção de tempo é possível entender algumas formas de organização da sociedade contemporâneas.

Uma marca importante a ser destacada da noção de tempo na contemporaneidade, ainda na concepção de M. Tonelli (2008) é a de uma organização do tempo e do espaço que não significa mais estrutura solidificada, de solidez e durabilidade. Para a autora, o tempo e espaço hoje estão marcados pela liquidez, estado que caracteriza a velocidade e o mal-estar na vida cotidiana.

A psicanalista M. Kehl (2009) escreve sobre a atualidade das depressões em “O tempo e o cão”, entendendo a depressão como uma doença socialmente construída e essencialmente marcada pela noção temporal. Para a autora, “o depressivo foi arrancado da sua temporalidade singular; daí a sua lentidão, tão incompreensível e irritante para os que convivem com ele. Ele não consegue entrar em sintonia com o tempo do Outro” (p.18). Transpondo a visão do sujeito da psicanálise ao social, não será esta mesma incompreensão de tempo a vivida pelo Sul colonizado?

Ainda, a autora destaca como um sintoma depressivo característico os

[...] transtornos na percepção temporal revelados por aqueles que sentem que o tempo cotidiano, sem a sustentação de uma fantasia a respeito do futuro, tornou-se um tempo estagnado, um tempo que não passa. Transtornos da esperança trazem graves efeitos colaterais de resignação e fatalismo, sintomas de anulação do sujeito (do desejo) quando ele viver a impressão, ou a certeza, de que a sua existência não há de fazer nenhuma diferença no curso “natural” de **uma vida**

que não lhe pertence, pois já está desde sempre determinada por interesses e poderes planetários imunes aos efeitos da ação política (KEHL, 2009, p.57, grifo nosso).

Embora a autora esteja se referindo especificamente a sujeitos que, individualmente, sofrem de depressão, esta não deixa de ser uma marca do Sul. A falta de escolha no âmbito profissional, por exemplo, é uma marca dos povos que não tem acesso a educação formal, exigida pela regra dominante. O povo colonizado é o que vive sob a sensação de estar vivendo uma vida, uma cultura, que não lhe pertence. Assim, passam por um processo no qual a temporalidade é modificada e os modos de vida são questionados e desterritorializados.

Seguindo nesta lógica, A. Giddens (2002) retrata a noção de tempo quando a presença do sentimento de insegurança, o tempo “pode ser entendido como uma série de momentos descontínuos separando as experiências prévias das subseqüentes de tal maneira que nenhuma ‘narrativa’ contínua possa ser sustentada”.

Mostrando, mais uma vez, como a noção de tempo vai se alterando conforme as vivências ou as posições de cada sujeito no mundo vão se alternando, produzindo diferentes significados e sensações. Ainda para A. Giddens (2002), a descontinuidade na experiência temporal é, na maior parte das vezes, característica mais básica na presença de muitos tipos de sentimentos. Para ele o tempo está vazio, mas é um modo de ser que relaciona o passado e o futuro.

Para D. Harvey (2009) o espaço e o tempo são categorias básicas da experiência humana, embora não sejam pouco estudadas no seu sentido mais real, já que costumam ser tratadas pelas atribuições do senso comum. O autor destaca ainda a inviabilidade de conferir ao tempo significados objetivos, já que é somente pela investigação dos processos materiais que se pode compreender o tempo.

Nesta perspectiva materialista

[...] as concepções do tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à produção da vida social. Os índios das planícies ou os *nueres* africanos objetivam qualidades de tempo e de espaço tão distintas entre si quanto distante das arraigadas num modo capitalista de produção. **A objetividade do tempo e do espaço advém, em ambos os casos, de práticas materiais de reprodução social; e**, na medida em que estas podem variar geograficamente e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são constituídos diferencialmente (HARVEY, 2009, P.189, grifo nosso).

Assim sendo, é fundamental o entendimento destas distintas formas de compreender o social para que se possa estabelecer uma relação de tempo entre elas. Ainda, esta relação é situacional, já que está em constante transformação, tanto a leitura social, quanto a noção de tempo que a acompanha.

A compreensão destes conceitos de tempo vai ser fundamental para a compreensão da proposta de uma nova epistemologia, articulada por Boaventura de Souza Santos. Nesta nova concepção, a noção de tempo ocupa um espaço central já que passa a ser alterada e relativizada, junto com a construção emergente deste novo paradigma.

O tempo é um componente importante para a compreensão das sociedades em diferentes contextos históricos. A representação desta sociedade também vai ser a representação dos indivíduos desta sociedade já que

[...] as sociedades são a imagem que têm de si vistas nos espelhos que constroem para reproduzir as identificações dominantes num dado momento histórico. São os espelhos que, ao criar sistemas e práticas de semelhanças, correspondência e identidade, asseguram as rotinas que sustentam a vida em sociedade. Uma sociedade sem espelhos é uma sociedade aterrorizada pelo seu próprio terror. (SANTOS, 2000, p. 47)

É fundamental o reconhecimento destes aspectos que compõe as relações da sociedade, para que se possa pensar nas possibilidades de transformação deste local. A lógica do tempo é uma das representações desta forma de vida em sociedade, especialmente porque

[...] **nossas vidas estão inexoravelmente marcadas pelo tempo.** Embora raramente fixemos a atenção nisto, haverá sempre um tempo marcando nossa existência, nossas emoções, sucessos e decepções. Nossas lembranças, onde habitam as imagens que temos das pessoas e do mundo, são forjadas pelos sentidos que temos do tempo. **Nosso pretense conhecimento da realidade, a ciência, o juízo que fazemos das "coisas, nossas crenças e valores, armazenados em nossas memórias, e nossos projetos e sonhos, são construídos sobre as representações que fazemos do tempo.** (SEVALHO, 1996, p. 2, grifo nosso)

Para que se possa pensar na crítica do paradigma dominante e na criação de um novo e emergente paradigma proposto por B. Santos, nos próximos capítulos são

apresentadas idéias do autor articuladas com discussões da noção de tempo em transformação nos diferentes paradigmas.

2. ENTRE O PARADIGMA EMERGENTE E O DOMINANTE

Não precisamos ser o quintal dos Estados Unidos

Boaventura de Sousa Santos

B. Santos (2005) faz uma crítica ao paradigma dominante, centrado na ciência e no fazer científico como uma única fonte da verdade. Para o autor, é fundamental desenvolver o porquê da crise deste paradigma e, enfim, iniciar um debate a partir das possibilitadas de transformação deste fazer científico, aonde outras formas de conhecimento possam ser aceitas e discutidas enquanto práticas aceitas.

Ora, a transformação deste paradigma implica na reorganização e na recriação da noção de tempo, onde o tempo linear e cronológico não pode ser universal. Para que um novo paradigma, emergente, possa se instalar é preciso que se aceite e entenda a lógica do tempo da “não-ciência”, para que ambas as formas de conhecimento – científico e não científico - possam dialogar e serem reconhecidas como diferentes, mas não uma menos importante que outra.

Ainda, para a concepção do autor, há a necessidade de superação da dicotomia ciências naturais/ ciências sociais a fim de uma (re)valorização a concepção humanística das ciências sociais. Esta concepção entende o ser humano enquanto autor e sujeito do mundo e no centro do conhecimento; “mas, ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o que hoje designamos por natureza no centro da pessoa” (SANTOS, 2005, p.72).

Por meio desta proposta, as categorias que a ciência se propuser a investigar devem ser constituídas tendo como base não as disciplinas, mas as temáticas, impedindo que diferentes áreas de saber representem um limite para a investigação. Além disso, nesta composição do saber o conhecimento é tratado como indiviso e, portanto, formador de um novo paradigma para a população em geral, diferente da dicotomia intuída. (SANTOS, 2005, p.72).

Acerca desta visão de B. Santos, se pode pensar o tempo, inclusive, com algo distante desta dicotomia. A própria noção de tempo curto, tempo longo, demorado ou

breve deve ser relativizada para que a construção do conhecimento não sofra com a adjetivação da própria idéia de tempo. O tempo deve ganhar mais liberdade e ser concebido enquanto algo mais pessoal, que respeita a individualidade dos sujeitos, do que algo instituído e pré-determinado.

Outro ponto forte tratado pelo autor na discussão da emergente mudança de paradigmas, diz respeito ao autoconhecimento enquanto um fator fundamental para o conhecimento e ponto de partida para toda a criação. Para o autor a explicação científica dos fenômenos “é a autojustificação da ciência enquanto fenômeno central da nossa contemporaneidade” (SANTOS, 2005, p.83), assim, a ciência é sim autobiográfica e deve estar mais relacionada com a vida pessoal do sujeito do que manter o distanciamento valorizado pelo fazer científico endurecido do paradigma dominante.

Mais uma vez, a lógica do tempo se faz fundamental para a construção deste novo saber, uma vez que a lógica do tempo daquele que produz o conhecimento deve ser levada em consideração como qualidade deste conhecimento. Isso poderia fazer, por exemplo, com que a lógica de tempo e trabalho das tribos indígenas fosse reconhecida e valorizada enquanto uma maneira diferente, mas não menos eficiente, de produção se comparada com a lógica veloz e altamente produtiva das grandes empresas equipadas com potencial tecnológico, onde coexistem distintas lógicas de temporalidade, ligadas à pluralidade cultural.

Assim, a construção do paradigma emergente traz consigo o abandono da neutralidade investigativa das ciências sociais e, portanto, o distanciamento de si e do objeto investigado. Ao contrário, na observação participante, por exemplo, a construção do conhecimento se dá justamente na sensibilidade do pesquisador em se deixar ser afetado pelo objeto investigado. Isso faz com que o pesquisador apareça no pesquisado e a subjetividade passa a ser parte importante da produção do conhecimento.

O autor lança o desafio de que “todo o conhecimento científico visa construir-se em senso comum” (p. 88). É preciso se fazer uma crítica a ciência moderna enquanto produtora de um conhecimento que vai contra o senso comum e não de encontro a ele, ajudando a compor o conhecimento produzido ‘informalmente’. Essa ruptura entre o que é estudo e a prática fica clara ao pensar no conhecimento que é produzido na academia e que não consegue sair dela.

Os próprios pesquisadores não costumam estar em contato com a prática e a recíproca é verdadeira. Assim, a ciência acaba se constituindo num conhecimento

diferente do que é aplicado e impermeável de experiências cotidianas; neutro, como já propunha ser.

Além disso, há uma hierarquização entre os conhecimentos distintos, onde a ciência moderna ainda é a forma de saber dominante que acaba por recusar muitos dos demais conhecimentos. Por esta lógica,

[...] o que não é quantificável é cientificamente irrelevante. [...] o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. (SANTOS, 2005, p.28)

Embora a ciência tenha se feito desta forma até então e contribuído intensamente à vida humana, sobram outras tantas áreas a seres desvendadas e descobertas que não eram observadas até então. Sem falar daquilo que não se propõe a ser ciência e que mesmo assim deve ser reconhecido enquanto um conhecimento de valor.

Em meio a tantas transformações do mundo é o momento da ciência também mudar e adotar para si outra lógica, de tempo inclusive.

Sendo um conhecimento mínimo que **fecha as portas a muitos outros saberes sobre o mundo**, o conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autômato, ou, como diz Prigogine, num interlocutor terrivelmente estúpido. (SANTOS, 2005, p.53, grifo nosso)

Mas para além destas questões, B. Santos vai perceber nos estudos seqüentes que o domínio do poder científico também é resultado de um mundo dividido em norte e sul, onde a cultura do sul é desvalorizada e não aceita pelos padrões dominantes.

2.1. Subjetividade do Sul

“O **Sul** exprime todas as formas de subordinação a que o sistema capitalista mundial deu origem: **expropriação, supressão, silenciamento, diferenciação desigual**, etc.” (SANTOS, 2000, p. 368, grifo nosso), onde a lógica do tempo é totalmente diferente.

Vou usar de exemplo a diferença entre Norte e Sul⁵ pelo acesso à tecnologia. No Norte a informação deste tipo é mais acessível e este acaba se tornando o tipo de informação aceita e dominante, mesmo às vezes vindo de forma destorcida ou mesmo sem ser, de fato, uma informação importante. Já o Sul, acaba por levar a impressão de cultura do atraso, justamente por não ter respeitada a sua noção de tempo.

Assim,

[...] esta narrativa tecnológica assenta no pressuposto da existência de um tempo linear, ou seja, que a história se move em direção a um fim definido e concreto, em direção ao progresso, e que algumas sociedades chegaram a esta etapa final com algum atraso (especialmente os povos colonizados). (MENESES, 2009, p, 232).

A autora vai além à compreensão de B. Santos, na perspectiva pós-colonial, dando destaque à dimensão da problemática social advinda da compreensão de monoculturas. Para ela, esta revisão epistemológica emergente da pós-colonialidade “exige uma revisão crítica de conceitos hegemonicamente definidos pela racionalidade moderna, como sejam história, cultura ou conhecimento” (MENESES, 2009, p, 234).

A autora vai sustentar a idéia de B. Santos em prol do “alargamento de saberes” que possibilite

[...] importar e reconhecer a diferença que faz a diferença, desmascarando as estruturas de poder que ali caracterizam o relacionamento científico com outros saberes, ao mesmo tempo em que procura transformar essas estruturas e, conseqüentemente, os termos do diálogo. (MENESES, 2009, p, 235).

Assim, a obra de B. Santos compondo a *Subjetividade do Sul* que “constitui o momento de solidariedade na construção de uma tópica para emancipação; [...] significa a capacidade e a vontade para um vasto exercício de solidariedade”. (SANTOS, 2000, p. 378). Proposta esta que, seguindo pela noção do tempo com pano de fundo do estudo, não é possível sem que haja um respeito mutuo na concepção do tempo do Outro.

No capítulo seguinte, vemos trabalhadas as idéias de Boaventura de Sousa Santos onde ele vai pensar esta nova concepção epistemológica.

⁵ Norte e Sul para Boaventura não significa necessariamente uma dimensão geográfica; embora os países do norte sejam em sua maioria os produtores desta lógica de dominação, o autor define a existência de um Norte no Sul e um Sul no Norte, sendo um termo abrangente para designar formas de dominação e hierarquização do conhecimento.

3. OUTRA CONCEPÇÃO EPISTEMOLÓGICA

Nós construímos provavelmente as primeiras sociedades da história a tornarem as pessoas infelizes por não ser felizes.

Pascal Bruckner

B. Santos faz uma crítica à situação atual de transição entre o paradigma da modernidade e a necessidade de um paradigma emergente ainda mais difícil de ser identificado.

Para o autor, sem uma crítica do modelo de racionalidade ocidental dominante, as propostas a uma nova análise social se tornam inviáveis e acabam caindo no descrédito. Assim, “para combater o desperdício da experiência social, não basta propor outro tipo de ciência social. Mais do que isso, é necessário propor um modelo diferente de racionalidade” (SANTOS, 2006, p. 94).

Nesta nova racionalidade a concepção de tempo deve ser respeitada para que as diferentes formas de conhecimento possam dialogar e serem reconhecidas por suas especificidades. Já que “quer o sistema de desigualdade, quer o sistema de exclusão atuam na modernidade capitalista segundo dois espaços-tempo distintos: o nacional e o transnacional” (SANTOS, 2006, p. 295).

É para tanto que destaco as idéias trazidas por B. Santos quanto uma crítica ao modelo de racionalidade, a razão cosmopolita, que ele descreve no formato de três processos meta-sociológicos.

3.1. Sociologia das ausências

Trata-se de uma investigação que “visa demonstrar que o que existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe” (SANTOS, 2006, p. 102). Desta forma, o autor pretende trazer à tona questões do presente e do mundo que não estão ganhando espaço no paradigma vigente porque escapam da dicotomia hegemônica.

Ou seja, o objetivo da sociologia das ausências é “transformar objetivos impossível em possível e com base neles transformar as ausências em presenças” (SANTOS, 2006, p. 102). Didaticamente, o autor destaca desta produção de não-existência, cinco lógicas e modos de produção (SANTOS, 2006, p. 103-104):

- a. Monocultura do saber e do rigor do saber;
- b. Monocultura do tempo linear;
- c. Lógica da classificação social;
- d. Produção da inexistência é a lógica da escala dominante;
- e. Lógica produtivista;

Estes conceitos são fundamentais para pensar que efeitos esta transformação paradigmática vai trazer aos sujeitos e aos processos já estabelecidos na sociedade.

No que diz respeito ao apontamento de Boaventura de Sousa Santos sobre a *monocultura do saber e do rigor do saber*, podemos pensar na emergência de uma nova concepção de aprendizado, por exemplo. Neste caso, o tempo para aprender deve ser determinado pelo próprio sujeito e não mais pelas instituições onde ele está inserido, ao contrário do que se vê no sistema educacional.

Nos dias de hoje, as crianças tem o mesmo tempo já determinado para aprender e as que não estiverem de acordo com este sistema - que por qualquer motivo não alcançarem a mesma qualidade e quantidade de aprendizado dos propostos – reprovarão o ano letivo e tentarão atingir as metas propostas pela instituição no ano seguinte.

Ou seja, a criança deve se enquadrar a um sistema de ensino já programado, onde o seu tempo não é respeitado. Assim, as crianças que aprendem outra lógica de tempo, ou até mesmo que aprender coisas diferentes das que compõem o plano de aulas, são consideradas insuficientes e menos inteligentes que as outras.

Isso pode ser relacionado com o segundo tópico proposto por B. Santos do *tempo linear*, ou a noção de que se tem um processo a cumprir, de que a educação deve caminhar numa linha estabelecida e progressiva: do menor para o maior conhecimento. Ora, assim já se está fazendo uma distinção na qualidade dos conhecimentos, o que não compreende a lógica do novo paradigma, que considera toda a forma de conhecimento como algo aceito.

E se tivermos o diálogo entre as diferenças, como propõe o autor, abrandamos a *lógica da classificação social*, que distingue culturas diferentes de forma hierárquica. Isso seria levar em consideração o processo de aprendizado das crianças que vivem nas

tribos indígenas, por exemplo, incluindo este saber diferenciado das instituições padronizadas de ensino e reconhecê-lo enquanto saber de mesma importância.

O não reconhecimento destes saberes distintos provoca o que B. Santos define enquanto a *produção da inexistência* que se dá na *lógica da escala dominante*. Ou seja, as tribos indígenas que são consideradas culturas inferiores às demais, estarão sempre na lógica da inexistência não por estarem diretamente relacionadas com a lógica da produção de conhecimento científico dominante.

Por fim, a produção dominante que distingue as culturas e seus saberes acaba por produzir uma *lógica produtivista*, que “assenta na monocultura dos critérios de produtividade capitalista” (SANTOS, 2006, p. 104). Portanto, ainda seguindo o exemplo desta tribo indígena, além deste conhecimento não ser validado socialmente, este sujeito tampouco será reconhecido e aceito no mercado de trabalho, como também, não terá destaque social caso não participe da lógica de consumo imposta pela sociedade.

A lógica produtivista induz a uma aceleração de produção e de consumo que acaba por ditar muitas das práticas cotidianas que se tornam centradas nessa mesma perspectiva. Por exemplo, o apelo midiático para que todos tenham acesso a determinados produtos faz com que muitos trabalhem mais do que deveriam, só para cumprir essa “exigência social”, onde o não ter significa não compartilhar destes códigos socialmente construídos. A atual realidade de consumo faz com que fique de fora da sociedade quem não está na moda, por exemplo, mostrando que há uma imposição do que deve ser consumido.

A colonização do Sul traz também o espaço e o tempo ‘colonizados’, no sentido de suprir as necessidades impostas pela lógica dominante do Norte. Mesmo porque, “quando o tempo é dinheiro, a duração é um obstáculo à circulação de mercadorias que deve ser vencido” (SEVALHO, 1996, p. 4).

O contemporâneo valoriza o conhecimento em tempo real do que acontece no mundo, até porque a mídia é uma fonte interessante de produção de lucros. Por outro lado, não estar ao par deste tipo de conhecimento, ou não acompanhar a velocidade da reprodução das informações significa estar por fora da lógica dominante.

Indo de encontro a esta lógica, G. Sevalho (1996) destaca que na epidemiologia e na globalização do capital, “falar de tempo social significa falar de velocidade e aceleração, de um tempo que parece se sobrepor aos demais, dominando um sistema desigual de influências, preponderantemente de ‘mão única’”(p. 2).

E nesta lógica do tempo social, ditado pela ordem de tempo capitalista e epistemológica dominante, ratificando as idéias dos autores, a noção de um tempo único vai ao encontro com a idéia coletivamente aceita de que os estilos de vida também devem ser únicos e padrão nas diferentes culturas.

3.2. Sociologia das emergências

Boaventura de Sousa Santos define a sociologia das emergências como algo estreito e associado à sociologia das ausências. Assim, “enquanto a sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, a sociologia das emergências expande o domínio das experiências sociais possíveis” (SANTOS, 2006, p. 120).

Através da sociologia das emergências é que B. Santos vai apontar possibilidades às questões abordadas, como medidas coletivas de transformar esta realidade.

Para a sociologia das emergências, as multiplicações e diversificações ocorrem por via da “amplificação simbólica das pistas ou sinais” (SANTOS, 2006, p.121), já que “quanto maior for a multiplicidade e diversidade das experiências disponíveis e possíveis (conhecimento e agentes), maior será a expansão do presente e a contração do futuro” (SANTOS, 2006, p. 120).

O que indica que as culturas devem buscar encontros que possibilitem o confronto das diferenças e crie novas formas compartilhadas de encarar a realidade. Este encontro é proposto por B. Santos no conceito de fronteiras. Para ele

[...] num período de transição e de competição paradigmáticas, **a fronteira surge como uma forma privilegiada de sociabilidade.** Quanto mais à vontade se sentir na fronteira, melhor a subjetividade poderá explorar o potencial emancipatório desta”. (SANTOS, 2000, p. 347, grifo nosso)

E, ao contrário do conceito de fronteira que coloquialmente pode vir carregado de uma má impressão, o autor define a fronteira como um espaço que possibilita os encontros e forma novas formas de sociabilidade. A estimulação das fronteiras, ou de encontros entre diferentes, é o que faz com que a emancipação aconteça.

3.3. Trabalho de tradução

Este conceito é entendido pelo autor como complementar da sociologia das ausências e da sociologia das emergências. O trabalho de tradução “visa criar integridade, coerência e articulação num mundo enriquecido por uma tal multiplicidade e diversidade” (SANTOS, 2006, p.129).

Para que esse trabalho de tradução possa acontecer, entretanto, é preciso que se reconheça o tempo do outro e se aprenda a respeitar os momentos distintos de tempo/espço na alteridade.

Simultaneamente, o autor apresenta o trabalho de tradução como um trabalho intelectual, político e emocional que traduz as zonas de contato, que são caracterizadas “pela disparidade entre as realidades em contato e pela extrema desigualdade das relações de poder entre elas” (SANTOS, 2006, p. 130).

Assim, este trabalho de tradução vai compreender uma (re)criação do entendimento do tempo, seja do meu tempo ou do tempo do outro. A nova relação deste tempo deve percorrer, junto com o trabalho de tradução, as instâncias da intelectualidade, política e emoção, a fim propor novas formas de encontro e diálogo entre as mais diversas culturas.

Esta nova concepção (ou percepção) de tempo também é construção de uma Representação. E representar, ou seja,

[..] tornar presente o que está de fato ausente por meio do uso de símbolos, é fundamental para o desenvolvimento ontogenético da criança, está na base da construção da linguagem e da aquisição da fala, **é crucial para o desenvolvimento das inter-relações que constituem a ordem social e é o material que forma e transforma as culturas, no tempo e espaço.** (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 33, grifo nosso).

Assim, podemos entender a representação como uma maneira de fazer este trabalho de tradução proposto pelo autor, mas que estará o tempo todo intermediado pela noção de tempo e espaço.

Estas complexas formas temporais que permeiam a sociedade como estão

[..] estreitamente implicadas em processo de reprodução e de transformação das relações sociais, é preciso **encontrar alguma maneira de descrevê-las e de fazer uma generalização sobre o seu uso.** A história da mudança social é em parte aprendida pela história das concepções de espaço e de tempo, bem como dos usos

ideológicos que podem ser dados a essa concepção. Além disso, todo o projeto de transformação da sociedade deve aprender a complexa estrutura da transformação das concepções práticas espaciais e temporais (HARVEY, 2009, p. 201)

De tal modo, transformar a realidade também é estar alterando - ou relativizando -, as formas de conceber o tempo nos mais diferentes espaços sociais. Encontrar uma maneira de sistematizar a compreensão das formas temporais, segundo o autor, também pode ser entendido como um método de atentar mais para as questões relacionadas ao tempo, que fazem parte das grandes transformações paradigmáticas.

TEMPO DE CONSIDERAÇÕES

*E me esqueço no tempo e no espaço
Quase levito
Faço sonhos de crepom*

Chico Buarque

O estudo sobre as relações sociais só é possível quando levadas em considerações as dimensões de tempo, articuladas em cada momento histórico, político e econômico. Da mesma forma, as mudanças epistêmicas propostas para a construção de outra forma de conceber as diferenças entre culturas também só é possível pela relativização da noção do tempo.

Essa mudança paradigmática deve ser discutida e reavaliada em diferentes espaços da sociedade, para que através dos espaços de *fronteira* uma nova e relativizada noção de tempo possa ser inventada, produzindo mais riqueza a cada encontro de culturas, ao invés da hierarquização e dominação colonial.

O Sul é uma metáfora do sofrimento produzido pelo colonialismo e imperialismo e é justamente olhando para as riquezas de cada povo, em suas formas de viver, que será possível inventar uma identidade social que possa ser respeitada e reconhecida pelas suas diferenças.

Para que tudo isso aconteça, para além de imaginação política, provoca B. Santos em uma de suas falas no Fórum Social Mundial⁶, precisamos de coragem.

⁶ Realizado no dia 27 de Janeiro de 2010, em São Leopoldo - RS.

Coragem para mudar o que é díspar, desrespeitado e mau visto. Coragem para fazer mudar a lógica do tempo que não pertence ao Sul.

Este é um desafio do tempo presente, que existe enquanto uma exigência futura, mas também na verdadeira intenção de tentar mudar um passado de injustiças. À exemplo do personagem Marco Pólo na literatura, já que “o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado” (CALVINO, 1994, p. 34), mudar o presente, nesta concepção relativizante do tempo, é tentar fazer com que o passado fique diferente de acordo com novas e dignas maneiras de visualizar o futuro.

THE NOTION OF TIME IN THE CONSTRUCTION OF PARADIGMS: A READING OF BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Abstract: This study proposes a discussion of the notion of time in the dominant and emerging paradigms, as defined by Boaventura Sousa Santos. Understanding the logic of time and their experience - time - is crucial in understanding the world in different historical moments. Presents the author's ideas on the concept and experience of time, changing the paradigm shift, as well as literature review on time and temporality in social science. We focus on the critique of the dominant paradigm and the notion of time into a new epistemological construction, related to the emerging paradigm. The recognition of distinct temporalities - the time of others - articulates one of the main challenges to the construction of a new epistemology and intersubjectivity. The colonized people is living under the possible feeling of being immersed in a hybrid culture that does not belong wholly or hosts. So, go through a process in which temporality is changed and the ways of life are questioned and deterritorialized. A new relationship with time courses, along with the translation work between knowledge and practice, the instances of the intellectual, political and emotion in order to propose new forms of encounter and dialogue between various cultures and their different temporalities.

Keywords: Time. Emerging paradigm. Epistemology. Boaventura de Sousa Santos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – **Informação e documentação – artigo em publicação periódica científica impressa – apresentação**: NBR 6022: 2003. Rio de Janeiro: ABTN, 2003

CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 18 ed. São Paulo: Loyola, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MENESES, Maria Paula. *Justiça cognitiva*. In: GAIGER, Luiz Inácio; HESPANHA, Pedro; CATTANI, Antonio; LAVILLE, Jean-Louis. **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência** São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SEVALHO, Gil. **Velocidade/aceleração temporal e infecções emergentes: epidemiologia e tempo social**. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, out. 1996 .

TONALLI, Maria José. **Sentidos do tempo e do tempo de trabalho na vida cotidiana**. *o&s* - v.15 - n.45 - Abril/Junho - 2008.

VIOLA, Solon Eduardo Annes. **Direitos humanos e democracia no Brasil**. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

WIKIPÉDIA – disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Site>. (Acessado em 20/11/2010)